

Algunas considerações geográficas sobre monumentos

Melissa Anjos*

A geografia, enquanto campo científico, se preocupa com a descrição dos fenômenos da Terra. No âmbito da organização do espaço, os homens imprimem diversas marcas que se tornarão objeto da referida ciência. Neste particular, os monumentos, entendidos como formas simbólicas, são as representações materiais dos eventos pretéritos que fazem parte do espaço construído e compõe, de maneira marcante, as paisagens de determinados espaços públicos da urbe, bem como constituem artefatos de grande relevância para o poder público ao perpetuarem empreendedores inscrevendo e eternizando, ao seu modo, relevantes nomes da história, da religião, da política e das artes. Este artigo procura apresentar uma discussão sobre a relação paisagem e monumento, uma vez que estes fazem parte do cenário urbano, além de instigar o pensamento sobre a (possível?) carga simbólica contida nas estátuas.

Palavras-chave: Paisagem, Monumentos, Espaço Urbano

Geography while scientific field cares for the description of the phenomena of the Earth. Within the framework of the Organization of

Introdução

A racionalidade científica construiu uma representação do mundo que privilegia alguns aspectos. O modo de pensamento próprio do Ocidente – tanto em suas modalidades lógicas como em seus hábitos e referências culturais – impõe obstáculos à apreensão ou à abordagem de outros significados do mundo. A razão tornou-se soberana do homem, delimitou seus limites e, desta forma, criou uma autoconsciência a qual ela não tem acesso. É preciso, agora, abrir novos horizontes, avançar e ultrapassar as fronteiras da razão e, para além do pensar, também o sentir¹. É essa expansão de significado do mundo que a

* NeghaRIO (Núcleo de Estudos em Geografia Humanística, Artes e Cidade do Rio de Janeiro); PPGE (Programa de Pós-Graduação – Mestranda em Geografia-UERJ). E-mail: melgodinho@yahoo.com.br

¹ SANTOS, Boaventura de Souza. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

space, men print different brands that will become object of that science. In particular, the monuments, understood as symbolic shapes, materials are representations of past events that are part of the space constructed and equipped so striking, landscapes of certain public spaces of the *urbe*, as well as constitute artifacts of great relevance for public authorities to perpetuate entrepreneurs subscribing and goes to

his way, relevant names of history, religion, politics and the arts. This article seeks to introduce a discussion about the relationship landscape and monument, since these are part of the urban landscape, and instigate thought about (possible?) symbolic contained in statues.

Key words: Landscapes, monuments, urban space

geografia cultural busca: compreendê-lo além da camada rasa da objetividade, difundida pelo paradigma moderno-clássico.

Para esta jornada, utilizaremos os monumentos, pois estes fazem parte da paisagem urbana e podem ser interpretados geograficamente. Apropriando-nos das palavras de Corrêa² e Mello³ ao parafrasearem Cosgrove⁴, os símbolos e os monumentos estão em toda parte. São, simultaneamente, marca e matriz⁵. Desta forma, além de reconhecer o processo de monumentalização como uma categoria de interpretação, esta comunicação inicia uma discussão acerca da relação paisagem e monumento, uma vez que estes fazem parte do cenário urbano, além de refletir sobre a (possível?) carga simbólica contida nas estátuas.

Os monumentos, “entendidos como formas simbólicas”, são “representações materiais de eventos passados” que “integram o meio ambiente construído, compondo, de modo marcante, a paisagem de determinados espaços públicos da cidade”⁶. Para Corrêa “os monumentos não são apenas objetos estéticos. São intencionalmente dotados de sentido político”⁷, ganhando, ao longo do tempo, significados de aderência ou de rejeição.

² CORRÊA, Roberto Lobato. Monumento, política e espaço. In: ROSENDALH, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Geografia: temas sobre cultura e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

³ MELLO, João Baptista Ferreira de. Símbolos dos lugares, dos espaços e dos “deslugares”. In: *Espaço e Cultura*, n. 16. Rio de Janeiro: UERJ/NEPEC, 2003.

⁴ COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDALH, Zeny (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. 2^a ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004..

⁵ BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDALH, Zeny (Orgs.). *Paisagem...*, *op. cit.*

⁶ CORRÊA, Roberto Lobato. *Op. cit.*, p. 9.

⁷ *Idem, ibidem*, p. 11.

Nesse primeiro momento, dissertaremos, brevemente, acerca do conceito de paisagem, na visão Ocidental, uma vez que as estátuas integram e, ao mesmo tempo, contribuem para a formação do imaginário do lugar, estabelecido a partir de seu cenário. Após, discutiremos as relações entre monumento (memória) e monumentalidade para sugerir uma possível carga simbólica presente nos monumentos.

Por fim, vale repetir, como escreveu Cosgrove⁸ “a geografia está em toda parte” e, da mesma maneira, nos monumentos erguidos nos espaços das cidades. Nossa tarefa é, portanto, desvelá-los, interpretá-los e diferenciá-los, colaborando, assim, para a perpetuação dessas virtuosas, seja da política ou das artes brasileiras, na memória individual/coletiva.

1. A construção da paisagem

De acordo com os léxicos, por paisagem entende-se um determinado espaço de terreno que se abrange em um lance de vista e/ou uma pintura, gravura ou desenho que representa uma paisagem. No entanto, a paisagem é mais que isso. Podemos considerá-la como resultado material de todos os processos – naturais e sociais – que ocorrem em um determinado sítio. Desta forma, ela é construída a partir da síntese de todos os elementos presentes neste local e sua apreensão se verifica pela imagem resultante dela. Em outra definição, comprehende-se a paisagem como um sistema complexo e dinâmico onde diferentes fatores naturais e culturais interagem e evoluem em conjunto. Neste contexto, discorreremos, sucintamente, acerca do conceito de paisagem no Ocidente.

1.1 A paisagem no ocidente

O termo paisagem foi empregado pela primeira vez no século XVI, na Bélgica, designando as cenas de trechos de uma região. No entanto, sua raiz remonta ao século XV, com as línguas saxônicas, tais quais *landskap*, *landschaft*,

⁸ COSGROVE, Denis. *Op. cit.*, p. 93.

landscape e, finalmente, nas línguas latinas, a saber: paesaggio, paysage, paisaje e paisagem⁹.

No Ocidente a paisagem surge dentro de um contexto de transformações sociais e culturais, a modernidade, na qual se destaca a ascensão da burguesia, a laicização da cultura e a autonomia da Arte – e a invenção da *janela* (assim denominada pelos historiadores da arte), que mostra o mundo e nos situa dentro e fora de sua cena, indicando um novo modo de ver e de se relacionar com o mundo, promovendo, assim, o distanciamento necessário para sua visualização¹⁰. É o início, portanto, do mundo como experiência visual e como tal, a paisagem estaria associada, indubitavelmente, ao ato de ver, marcado pela cisão “*entre o que vemos (...) e o que nos olha*”¹¹. Cisão esta que caracteriza a modernidade e a invenção da paisagem no Ocidente.

Neste sentido, e sendo a aparência a representação da paisagem, é inevitável sua descrição. Porém, ela não deve se reduzir às configurações espaciais, às morfologias e ao arranjo dos ambientes, ou seja, ao visível. No entanto e durante um longo tempo – quase quatro séculos (incluindo a institucionalização das ciências, no século XIX) até a mudança de paradigma mundial, em 1970, com a emergência da imaterialidade como fator importante na leitura das culturas – foi dessa maneira que a paisagem foi tratada. Destarte, faz-se necessário breves apontamentos do conceito de paisagem. De acordo com Freitas *et all*¹²,

hoje, este conceito está presente na ciência, nas artes, no turismo, até mesmo em atividades comerciais, como a venda de imóveis (onde equivale às “amenidades” conferidas a um lugar), enfim, numa série de temas, matérias e atividades. Foi a Geografia, porém, que deu ao conceito um uso científico, elegendo-o como eixo de toda uma teoria de investigação.

Dito isto, a seguir faremos, resumidamente, algumas considerações acerca da paisagem na geografia cultural, uma vez que esta corrente tomou para si aquele conceito matricial.

⁹ CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

¹⁰ *Idem*.

¹¹ DIDI-HABERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 1998, p. 77.

¹² FREITAS, Inês Aguiar de; et all. A janela de Hitler. In: *Revista GeoUERJ*, n. 2. Rio de Janeiro: UERJ, 1999, p. 30.

1.2 A paisagem na geografia: a abordagem cultural

Na geografia cultural tradicional, tanto alemã quanto americana, do início da sistematização da ciência até meados do século XX, o objeto de estudo era a paisagem e suas pesquisas estavam pautadas na descrição da natureza do *locus* em questão¹³. Isto significa dizer, segundo Freitas *et all*¹⁴, que “toda paisagem apresenta-se ao estudioso dotada de uma certa fisionomia. Entre seus distintos aspectos encontram-se elementos, tanto visíveis quanto invisíveis, que estabelecem relações entre si”. Neste sentido, temos em Sauer¹⁵ a legitimação, através da prática do arrolamento, capaz de realizar um dos objetivos gerais da geografia, qual seja: a compreensão e diferenciamento do Planeta. Desta forma, a paisagem seria, para Sauer¹⁶,

o equivalente em inglês para o termo que os geógrafos alemães estão usando amplamente, e tem estritamente o mesmo significado: uma forma da Terra na qual o processo de modelagem não é de modo algum imaginado como simplesmente físico. Ela pode ser, portanto, definida como uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais.

Para Tuan¹⁷, “uma vez o conceito formulado e aceito, rende-se a uma experiência anterior, largamente obsoleta, desde que o conceito, mais do que a experiência anterior, irá guiar a recepção das novas impressões”. Ou seja, para a geografia cultural tradicional alcançar essas metas e, ao mesmo tempo, “manter-se como uma ciência objetiva da Terra, a paisagem era compreendida como uma verdadeira fotografia: “tudo” que os olhos pudessem abarcar objetivamente deveria ser catalogado”¹⁸.

¹³ CLAVAL, Paul. A geografia cultural: o estado da arte. In: ROSENDALH, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

¹⁴ FREITAS, Inês Aguiar de; et all. *Op. cit.*, p. 30.

¹⁵ SAUER, Carl. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDALH, Zeny (Orgs.). *Paisagem...*, *op. cit.*

¹⁶ *Idem*, p. 14.

¹⁷ TUAN, Yi-Fu. Ambiguidades nas atitudes para com o meio ambiente. In: *Revista Boletim Geográfico*. Rio de Janeiro, v. 33, n. 245, 1975, p. 8.

¹⁸ LOPES, Patrícia Frangelli Bugallo. *A construção do Lugar de Memória (Lieu de Mémoire) em São Cristóvão*: os mitos no Solar da Marques. Monografia (graduação em Geografia). Rio de Janeiro: UERJ/IGEO, 2007, p. 24.

Desta maneira, o entendimento da paisagem na geografia se remete ao sentido da visão, pois é ela quem capta todas as nuances existentes neste recorte da natureza. Porém, sem o auxílio da mente, que comprehende e interpreta esse recorte, não o distinguiríamos. É óbvio que isso depende do estoque de conhecimentos e valores, adquiridos ao longo dos anos, pelo homem¹⁹. Segundo Schama²⁰,

se a visão que uma criança tem da natureza já pode comportar lembranças, mitos e significados complexos, muito mais elaborada é a moldura através da qual nossos olhos adultos contemplam a paisagem. Pois, conquanto estejamos habituados a situar a natureza e a percepção humana em dois campos distintos, na verdade elas são inseparáveis. Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas. (...)

É evidente que o próprio ato de identificar (para não dizer fotografar) o local pressupõe nossa presença e, conosco, toda a pesada bagagem cultural que carregamos.

Com a mudança de paradigma, pautada na emergência cultural de novas (e/ou outras) aceitações, a partir da década de 1970, ocorreu uma (re)significação do conceito de paisagem, que adquiria “mais do que a realidade objetiva capta-va”, isto é, o mundo vivido perdia seu foco de destaque, uma vez que agora o mesmo “complementa a análise acerca das representações simbólicas, estas que hoje ganham terreno perante a complexidade da era pós-moderna”, ou seja, esta análise recai sobre “os processos culturais que a envolvem e os valores embutidos nela”²¹.

Nesta esteira, a paisagem, lida através dos processos culturais, das representações e dos valores, é nomeada como paisagem cultural. Neste contexto, a paisagem, de acordo com Patrícia Lopes²², “ao mesmo tempo em que instrui

¹⁹ MELLO, João Baptista Ferreira de. *O Rio de janeiro dos compositores da música popular brasileira – 1928/1991 – uma introdução à Geografia Humanística*. Dissertação (mestrado em Geografia). Rio de Janeiro: UFRJ/PPG GEO, 1991; MELLO, João Baptista Ferreira de. A geografia da grande Tijuca na oralidade, no ritmo das canções e nos lugares centrais. In: *GEOgraphia*. Niterói: UFF/EGG, ano IV, n. 7, 2002.

²⁰ SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 16/17.

²¹ LOPES, Patrícia Frangelli Bugallo. *Op. cit.*, p. 24/25.

²² *Idem*, p. 25-26.

sobre a maneira que se deve orientar segundo o *status quo* ou o grupo que a construiu ou a repele (...) ela descontina o observador que a olha revelando-o em sua própria análise". Assim, a paisagem não é estática, pois cada indivíduo é capaz de remodelá-la.

Cabe ressaltar, a paisagem transpõe a materialidade a que se propõe ao fazer emergir um significado singular aos mundos interior e exterior do indivíduo. É o mesmo que dizer que o significado simbólico pertencente à vida de relações da sociedade no tempo e no espaço é estabelecido a partir das trocas incessantes entre as unidades culturais e o seu próprio meio. Portanto, a dimensão simbólica da paisagem está subordinada as diferentes interpretações e representações²³.

Nestas circunstâncias, a paisagem constitui uma construção e uma concepção do mundo. A imagem das cidades, construídas ao longo do tempo, está associada com sua natureza. No caso particular da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, esta natureza pode ser exemplificada através das montanhas – do Pão-de-Açúcar e do Corcovado –, das áreas verdes – Mandanha e Floresta da Tijuca –, do mar – através da sinuosidade das praias e das baías –, bem como, os artefatos – as estátuas, torres e templos. Afinal, a arte da paisagem se coloca como um meio de pensar as formas urbanas. A identidade carioca – utilizando-se livremente as concepções de Schama²⁴ – “perderia muito de seu fascínio feroz sem a mística de uma tradição paisagística particular”, sendo, desta maneira, manifestação das múltiplas relações dos homens com o meio, bem como valores e atitudes mesclados por mitos, utopias e visões de mundo que direcionam o olhar sobre a paisagem. Além disso, as “paisagens podem ser conscientemente concebidas para expressar as virtudes de uma determinada comunidade política ou social”²⁵.

Destarte, é importante pensar na análise e compreensão da relação cidade-paisagem, apreendida em sua múltipla dinâmica, através dos seus vários significados, pois a paisagem expande o horizonte do conhecimento de tal modo que as “coisas”, ao serem nomeadas e representadas (os monumentos, por exemplo), assumem valores e sentidos em contínuo processo de transformação. Ou, como

²³ *Idem*.

²⁴ SCHAMA, Simon. *Op. cit.*, p. 26.

²⁵ *Idem, ibidem*.

sugere Freitas *et all*²⁶, “representa uma tentativa de conectar o solo com a História, o espaço com a herança cultural de uma nação, a escolha de um caminho a ser seguido”. Seguindo este raciocínio, discutiremos, resumidamente, as relações entre monumento (memória) e monumentalidade – conceitos e categorias analíticas abarcadas neste artigo.

2. Monumento (memória) e monumentalidade (símbolo)

O saber geográfico está preocupado com a descrição dos fenômenos da Terra. Grafo, etimologicamente, significa escrita, traço, marca. Mello²⁷ nos lembra que “no bojo da reorganização do espaço várias obras construídas – de acordo com os empreendedores das políticas públicas” são marcas impressas pelo homem que se tornam objeto da referida ciência. Neste particular, os monumentos constituem artefatos de grande relevância para o poder público, na medida em que perpetuam grandes personalidades inscrevendo e eternizando, ao seu modo, relevantes nomes da história, da religião, da política e das artes.

Por monumento, de acordo com os dicionários, entende-se obra ou construção destinada a transmitir à posteridade a memória seja de um fato ou pessoa notável, alguma obra notória, memória, recordação ou lembrança. Isto é, em seu próprio significado, a palavra monumento guarda as raízes que, mais tarde, a geografia se utilizaria a fim de elevá-lo a categoria analítica espacial.

Todavia, o conceito de monumento não se limita às obras arquitetônicas ou esculturais tal como percebidas pelo senso comum. Além destas, são consideradas as obras de arte, os diversos tipos de documentos escritos e iconográficos e todo e qualquer objeto ou elemento que expresse a atividade e o pensamento de uma época²⁸. Entretanto, seja como obra ou documento, o “monumento serve

²⁶ FREITAS, Inês Aguiar de; et all. *Op. cit.*, p. 34.

²⁷ MELLO, João Baptista Ferreira de. A humanização da natureza – uma odisséia para a (re)conquista do paraíso. In: SILVA, S. T.; MESQUITA, O. V. (Orgs.). *Geografia e questão ambiental*. Rio de Janeiro: IBGE, 1993, p. 39.

²⁸ RODRIGUES, Cristiane Moreira. Cidade, monumentalidade e pôde. In: *GEOgrafia*. Niterói: UFF/EGG, ano III, n. 6, 2002.

de testemunho do poder. Poder esse que deseja ser legado à memória coletiva a fim de tentar perpetuar-se”²⁹, de modo que as gerações futuras se recordem (ou saibam) de sua existência e de sua força. O pensamento de Rodrigues³⁰ é seguido da definição de tal conceito. Segundo a autora (citando RIEGL³¹),

por monumento, no sentido mais antigo e verdadeiramente original do termo, entende-se uma obra criada pela mão do homem e edificada dentro de fim preciso de conservar sempre presente e vivo na consciência das gerações futuras a lembrança de tal ação ou tal vida (ou as combinações de uma e de outra).

Desta forma, os monumentos podem ser entendidos como fixos plenos de significados/valores simbólicos que fazem parte da organização do espaço, dispostos ao longo do espaço público em temporalidades distintas. São intencionalmente dotados de sentido político e são capazes de condensar complexos significados em torno de valores e práticas, fazendo sobreviver na memória alguma coisa significativa para alguém ou para um grupo social³².

Ao citarmos os valores simbólicos, faz-se necessário uma breve discussão a respeito dos símbolos. Estes desempenham papel importante na vida das pessoas. O caráter simbólico dos lugares descortina-se ao ser humano como algo que precede a linguagem e a razão discursiva, enfatizando a relação entre o símbolo e o lugar, uma vez que apresenta determinados aspectos do mundo vivido³³. Nas palavras de Mello³⁴,

os lugares são repletos de símbolos transitórios ou imorredouros. Assim defendem os geógrafos do horizonte humanístico. A simbologia não está restrita aos centros de afetividade, despojamento ou experiência. Os espaços vastos, estranhos, desconhecidos e distantes, bem como os “deslugares” monótonos e repetitivos reúnem, igualmente, símbolos de grandezas variadas.

²⁹ *Idem, ibidem*, p. 59.

³⁰ *Idem, ibidem*.

³¹ *Idem*, p. 60

³² CORRÊA, Roberto Lobato. Monumento..., *op. cit.*; CORRÊA, Roberto Lobato. Uma sistematização da análise de monumentos na geografia. In: *Revista Terra Plural*. Ponta Grossa: Ed.UEPG, 2007; LEÃO, Rodrigo Fernandes. O Maracá é nosso! Espaço-tempo de celebração de identidades no Rio de Janeiro. Monografia (graduação em Geografia). Rio de Janeiro: UERJ/EGEO, 2005.

³³ COSTA, Otávio. Memória e paisagem: em busca do simbólico dos lugares. In: *Espaço e Cultura*, n. 15. Rio de Janeiro: UERJ/NEPEC, 2003.

³⁴ MELLO, João Baptista Ferreira de. Simbolos..., *Op. cit.*, p. 64.

Os lugares/símbolos podem ser entendidos de diversas maneiras, sendo compartilhados e forjados por meio de edificantes significados³⁵. Dentro da vertente humanística, os símbolos são entendidos como repositórios de significados erigidos a partir de experiências profundas, construídas ao longo do tempo, envolvendo o homem e o lugar³⁶.

“Os lugares podem estar repletos de símbolos, ou mesmo se transformarem em símbolos”³⁷. De acordo com Tuan³⁸, o símbolo “é uma parte, que tem o poder de sugerir o todo”, superando sua forma material e sugerindo “uma sucessão de fenômenos que estão relacionados entre si, analógica ou metaforicamente”. A partir dos significados obtidos ao longo do tempo por laços emocionais³⁹, os símbolos são investidos de querência e afeto, tornando-se parte do mundo vivido das pessoas. Orientados pela cultura, os símbolos “carregam o sentido que um indivíduo ou grupo lhe atribuem”⁴⁰. Por outro lado, os símbolos podem ser rejeitados ou mesmo carregados de repulsa, pavor e ódio⁴¹. Estes integram os espaços infernais, se recorrermos às noções judaico-cristãs, bem repletos de indiferença, dor ou desilusão⁴².

O símbolo contém ou contempla algo de maior expressão e, uma vez que seu significado é atribuído pelo indivíduo ou grupo social, “qualquer elemento da natureza, artefato criado pelo homem, algo concebido no imaginário ou mesmo a cidade e a pátria podem se revestir de valores simbólicos”⁴³. Assim,

³⁵ *Idem*.

³⁶ TUAN, Yi-Fu. *Topofilia*. São Paulo: Difel, 1980; MELLO, João Baptista Ferreira. Símbolos..., *op. cit.*; GUIMARÃES, Ana Carolina Viana. *Alegorias, requebros, memória e construção dos lugares do carnaval carioca*. Dissertação (mestrado em geografia). Rio de Janeiro: UERJ/PPGG, 2007.

³⁷ GUIMARÃES, Ana Carolina Viana. *Op. cit.*, p. 53.

³⁸ TUAN, Yi-Fu. *Topofilia...*, *op. cit.*, p. 26.

³⁹ MELLO, João Baptista Ferreira de. *A geografia...*, *op. cit.*

⁴⁰ GUIMARÃES, Ana Carolina Viana. *Op. cit.*, p. 53, citando Monnet.

⁴¹ MELLO, João Baptista Ferreira de. *A geografia...*, *op. cit.*; MELLO, João Baptista Ferreira de. Símbolos..., *op. cit.*

⁴² ANJOS, Melissa. (Re)conhecendo os símbolos do candomblé em busca de (re)construção da África perdida. In: *Revista Eletrônica África e Africanidades*, v. 1, 2008; MELLO, João Baptista Ferreira de. O Rio de Janeiro..., *op. cit.*

⁴³ SILVA, Michel Vieira de Liam e. *Desconstruindo e descortinando símbolos na Cidade de Deus*. Monografia (graduação em geografia). Rio de Janeiro: UERJ/Departamento de Geografia, 2005, p. 45.

pode-se indagar: os monumentos distribuídos pela cidade possuem uma carga simbólica atribuída pela sociedade? Ou essas estátuas foram impostas às pessoas ou grupos por determinados segmentos sociais, ou quem sabe pelo Poder Público como meio de preservação da memória cultural?

Dito isto, podemos concluir que o monumento é um legado à memória coletiva, erigido para carregar consigo toda uma “carga de concepções que o farão símbolo de uma mensagem que quis ser passada, de um aviso ou de uma instrução que se desejou transmitir”⁴⁴. Na contramão do significado do monumento enquanto afirmação de poder, Choay⁴⁵ defende que, ao monumento, não cabe

dar uma informação neutra, mas tocar, pela emoção, uma memória viva. Nesse sentido primeiro, chamar-se-á monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorarem ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente.

Aqui, cabe um adendo sobre a memória individual/coletiva. Como sabemos, a memória é uma categoria biológica/psicológica referente à capacidade de armazenamento e conservação de informações⁴⁶. Todavia, a seguir, o sentido em que nos reportaremos é na discussão da memória enquanto elemento de permanência da história/geografia de um lugar.

Nestes termos, convém pontuar, “toda memória está localizada no espaço e no tempo. Nesse contexto, podemos inserir o lugar como parte da memória dos indivíduos e grupos sociais”⁴⁷. Através da memória, o lugar do passado ganha

⁴⁴ RODRIGUES, Cristiane Moreira. *Monumentalidade e poder na construção das cidades: um estudo sobre projetos urbanos não realizados no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX*. Dissertação (mestrado em geografia). Rio de Janeiro: PPGG/UFRJ, 2000. p. 9.

⁴⁵ CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade; Ed. UNESP, 2001, p. 18.

⁴⁶ ABREU, Maurício. Sobre a memória das cidades. In: *Revista Território*. Rio de Janeiro: LAG-ET/UFRJ, ano III, n. 4, 1998.

⁴⁷ GUIMARÃES, Ana Carolina Viana. *Op. cit.*, p. 276/277.

⁴⁸ MELLO, João Baptista Ferreira de. O Rio de Janeiro..., *op. cit.*; MELLO João Baptista Ferreira de. A geografia..., *op. cit.*

permanência, superando a sua forma material e eternizando-se⁴⁸. “Tal relação está intimamente envolvida com a idéia de identidade, uma vez que para sabermos quem somos e nos identificarmos, precisamos ter referências sobre o passado”⁴⁹. Isto é, “o tempo da memória só se concretiza quando encontra a resistência de um espaço”⁵⁰.

De acordo com Halbwachs⁵¹, “não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial”. Uma vez que o espaço é uma realidade concreta, não seria possível retomar o passado se ele não estivesse “conservado no ambiente material que nos circunda” (*ibid.*). Assim, a memória é um pensamento contínuo, pois só retém do passado o que ainda está “vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que o mantém”⁵². Logo, a memória é a “reconstrução do passado no presente vivido”⁵³, ou seja, é assim que podemos defini-lo, pois “somente o espaço é estável o bastante para durar sem envelhecer e sem perder nenhuma de suas partes”⁵⁴.

Desta maneira, o estudo da memória coletiva não deve abarcar apenas o esclarecimento dos fatos de conservação e esquecimento, mas também a explicação da metamorfose das lembranças coletivas⁵⁵, em particular, o dos monumentos, compreendidos que estão na corrente da consciência individual ou de grupo.

Voltemos, agora, ao ponto inicial de nossa discussão.

As formas simbólicas são articuladas entre si participando de uma batalha de símbolos e alegorias, parte integrante da disputa ideológica e política no contexto nacional. Como afirma Le Goff⁵⁶, o indicador da memória coletiva é a perpetuação do poder das sociedades históricas.

⁴⁸ GUIMARÃES, Ana Carolina Viana. *Op. cit.*, p. 277.

⁵⁰ ABREU, Maurício. *Op. cit.*, p. 12.

⁵¹ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro Ed., 2006, p. 170.

⁵² *Idem*, *ibidem*, p. 102.

⁵³ SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. Entre a destruição e a preservação: notas para o debate. In: SCHIAVO, Cléia; ZETTEL, Jayme (Coords.). *Memória, cidade e cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1997, p.19.

⁵⁴ HALBWACHS, Maurice. *Op. cit.*, p. 189.

⁵⁵ FREITAG, Bárbara. Berlim: memória literária e futuro poético. In: SCHIAVO, Cléia; ZETTEL, Jayme (Coords.). *Op. cit.*

⁵⁶ LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: *Encyclopédia Einaudi*. Porto: imprensa Nacional; Casa da Moeda, v. 1, 1985.

Leão⁵⁷ nos lembra que tempo e espaço são fundamentais nos estudos geográficos acerca dos monumentos. De acordo com Corrêa⁵⁸,

por meio da necessária espacialidade que têm, implicando em localizações fixas, dotadas de longa permanência, os monumentos são poderosos meios de comunicar valores, crenças e utopias e afirmar o poder daqueles que os construíram. Dotados de alcance espacial limitado (...) os monumentos têm, no entanto, um papel fundamental na criação e permanência de determinadas paisagens urbanas, impregnando lugares de valores estéticos e simbólicos.

Seja intencional ou não, ou com apelo “memorial distinto do original, o fato é que a presença física do monumento guarda sua capacidade de expressar-se para além do conteúdo aparente do objeto”⁵⁹. Mais do que isso, ao transcenderem sua condição, transmutando-se em signos⁶⁰ metamorfoseados em imagem e, com a devida divulgação da mesma, ocorre o que Choay⁶¹ chama de “semantização do monumento-sinal”, ou seja, “pela mediação de sua imagem, por sua circulação e difusão, na imprensa, na televisão e no cinema, esses sinais se dirigem às sociedades contemporâneas”. Na esteira de Choay⁶², Rodrigues⁶³ afirma que os monumentos se “constituem em instrumentos de comunicação (de idéias, valores, *status social...*), fazendo parte, assim, da produção simbólica de uma sociedade”.

Diante do exposto, o conceito de monumento “configura-se como fundamental e útil para alcançarmos uma definição e um entendimento maior sobre a monumentalidade”⁶⁴, onde está “implícita uma carga ideológica, uma carga de

⁵⁷ LEÃO, Rodrigo Fernandes. *Op. cit.*

⁵⁸ CORRÊA, Roberto Lobato. Monumento..., *op. cit.*, p. 15.

⁵⁹ FERNANDES, Ulisses da Silva. *A natureza monumental do Copacabana Palace Hotel: a antevisão de uma paisagem*. Dissertação (mestrado em geografia). Rio de Janeiro: UERJ/PPGG, 2006., p. 119.

⁶⁰ EPSTEIN, Isaac. *O signo*. 7^a ed. São Paulo: Ed. Ática, 2001.

⁶¹ CHOAY, Françoise. *Op. cit.*, p. 22.

⁶² *Idem, ibidem.*

⁶³ RODRIGUES, Cristiane Moreira. O Rio de Janeiro no século XIX: a busca pela cidade-monumento brasileira. In: ABREU, Mauricio de Almeida (Org.). *Rio de Janeiro: formas, movimentos, representações – estudos de geografia histórica carioca*. Rio de Janeiro: Da Fonseca Comunicação, 2005, p. 128.

⁶⁴ RIBEIRO, Miguel Ângelo. Categorias analíticas do espaço e turismo: o exemplo da Fortaleza de Santa Cruz, Niterói/RJ. In: *GEOgraphia*. Niterói: UFF/EGG, ano VIII, n. 16, 2006, p. 91.

poder⁶⁵, uma vez que ele encerra em si uma monumentalidade a qual, por seu turno, é transcendente, pois ela não é só mais um objeto presente na urbe. Ao contrário, para Rodrigues⁶⁶ ela é

objetivo simbolizado em objeto-símbolo (...) Os monumentos diversos (esculturas: homenageando pessoas e fatos históricos, ou arquitetônicos: edifícios, praças, avenidas e planos urbanísticos inteiros) são a própria espacialização de uma idéia, de uma concepção de mundo que procura tanto sua auto-afirmação quanto a subjugação de outras idéias e concepções destoantes.

Desta forma, o monumento e a monumentalidade são elementos destinados, tanto à memória preservacionista, quanto ser o símbolo de um poder e, portanto, como assinala Rodrigues⁶⁷, “mantenedores e simbolizadores de idéias e valores impressos no espaço, muitos dos quais têm sido marcados pela vontade de atravessar o tempo”. Assim, a monumentalidade faz-se documento das ciências humanas de uma sociedade, simbolizando o poder e aquilo que este seleciona/impõe para ser transmitido hodiernamente e no futuro. Para Rodrigues⁶⁸, a força da monumentalidade não se limita ao controle daqueles a ela diretamente subordinados, “uma vez que ela será idéia e imagem transpostas ao espaço”.

Neste contexto, podemos elucubrar: o monumento é o ponto para o qual convergem os esforços coletivos e simbólicos de uma comunidade para se afirmar tanto para si quanto para os outros⁶⁹. Fundar um passado através da construção de um monumento no presente é também caminhar em direção a um futuro onde se encontram os valores forjados no passado. Logo, como nos lembra Corrêa⁷⁰, “nos monumentos, estão inscritas as representações que os homens fazem da história e da geografia. São eles, portanto, parte da temporalidade e da espacialidade – complexas e variáveis – que caracterizam a ação humana”.

⁶⁵ FERNANDES, Ulisses da Silva. *Op.cit*, p. 123.

⁶⁶ RODRIGUES, Cristiane Moreira. *Op. cit.*, p. 9.

⁶⁷ RODRIGUES, Cristiane Moreira. Cidade, monumentalidade e poder. In: *GEOgraphia*. Niterói: UFF/EGG, ano III, n. 6, 2002, p. 65.

⁶⁸ *Idem, ibidem*, p. 69.

⁶⁹ BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. Monumentalidade e cotidiano: a função pública da arquitetura. In: *Mdc Mínimo Denominador Comum Revista de Arquitetura e Urbanismo*. Belo Horizonte, v. 3, n. 3, 2006.

⁷⁰ CORRÊA, Roberto Lobato. Monumento..., *op. cit.*, p. 39.

Para não concluir...

A organização do espaço urbano apresenta uma intensa complexidade. Este trabalho procurou iniciar uma discussão acerca da relação entre paisagem/monumento/símbolo. Neste ponto, cabe inicialmente realçar: no passado as estátuas sobressaiam nas grandes praças públicas em pedestais gigantescos com os heróis, fossem eles políticos, militares, religiosos ou membros da classe dominante em flagrante destaque ou sumtuosamente sentados sobre cavalos afirmando grandiosidade e poder. Nos últimos tempos, contudo, os monumentos são voltados para personalidades artísticas. Mais do que isso, as esculturas estão ao nível dos passantes que podem interagir com as celebridades retratadas e se sentir parte integrante da história e da cultura do local que compõe a paisagem urbana. A sugestão inicial sobre uma possível carga simbólica se mantém no ar. Porém, estamos diante de uma questão geográfica, mas difícil de ser estudada porque os símbolos variam de pessoa para pessoa ou mesmo para este ou aquele grupo. Esta questão que ora se apresenta fica para estudos posteriores.